



Jornais e a mediação documentária: análise discursiva sobre o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (1954–1959)

Newspapers and documentary mediation: a discourse analysis of the Brazilian Institute of Bibliography and Documentation (1954-1959)

Diarios y mediación documentaria: un análisis del discurso del Instituto Brasileño de Bibliografía y Documentación (1954-1959)

Jetur Lima de Castro

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Brasil

 <https://ror.org/00987cb86>

jetur.castro@unesp.br

 <https://orcid.org/0000-0002-9983-136X>

Alessandra Nunes de Oliveira

Universidade Federal do Pará, Brasil

 <https://ror.org/03q9sr818>

alessandra.nunes@unesp.br

 <https://orcid.org/0000-0002-7662-5686>

Gabriel Rodrigues da Conceição

Universidade Federal do Pará, Brasil

 <https://ror.org/03q9sr818>

gabriel.conceicao@icsa.ufpa.br

 <https://orcid.org/0009-0002-8959-1910>

Resumo

Examina a cobertura jornalística sobre o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), entre 1954 e 1959, com o propósito de compreender o papel do jornal na constituição discursiva e pública dessa instituição. A investigação parte da concepção do jornal como documento e mediador discursivo, responsável por registrar, interpretar e legitimar práticas sociais e científicas. Trata-se de uma pesquisa documental e histórica, de abordagem qualitativa e caráter interpretativo, fundamentada na Análise do Discurso e na perspectiva da mediação documentária. O corpus é composto por doze matérias e onze fotografias publicadas em seis jornais de grande circulação nacional, entre eles *Correio da Manhã*, *A Noite*, *Jornal do Brasil* e *Diário de Notícias*, etc., consultados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Os resultados revelam que o discurso jornalístico teve participação decisiva na legitimação do IBBBD, ao construir uma narrativa de racionalidade, eficiência e modernização. Inicialmente, a imprensa destacou sua criação e função técnica; posteriormente, enfatizou sua modernização e internacionalização, até personificar sua imagem na liderança de Lydia de Queiroz Sambaquy. Conclui-se que a imprensa não apenas registrou a trajetória do Instituto, mas participou de modo propositivo em sua institucionalização, conferindo-lhe legitimidade e valor histórico. O estudo reafirma o jornal como mediador da informação e documento de memória, evidenciando sua relevância para a compreensão da organização social do conhecimento no Brasil.

Recepción: 01 Noviembre 2025 | Aceptación: 07 Mayo 2026 | Publicación: 01 Octubre 2026

Cita sugerida: Castro, J. L. de, Oliveira, A. N. de y Conceição, G. R. da (2026). Jornais e a mediação documentária: análise discursiva sobre o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (1954–1959). *Palabra Clave (La Plata)*, 16(1), e297.
<https://doi.org/10.24215/18539912e297>



Esta obra está bajo licencia Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional

Palavras-chave: História das instituições, Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, Biblioteconomia, Mediação documentária, Brasil.

Abstract

Examines the journalistic coverage of the *Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação* (IBBD) between 1954 and 1959, with the purpose of understanding the role of the newspaper in the discursive and public constitution of this institution. The investigation is based on the conception of the newspaper as both a document and a discursive mediator, responsible for recording, interpreting, and legitimizing social and scientific practices. It is a documentary and historical research, with a qualitative and interpretative approach, grounded in Discourse Analysis and the perspective of documentary mediation. The corpus consists of twelve articles and eleven photographs published in six newspapers of national circulation, including *Correio da Manhã*, *A Noite*, *Jornal do Brasil*, and *Diário de Notícias*, among others, all consulted in the Digital Newspaper Library of the National Library of Brazil. The results reveal that journalistic discourse played a decisive role in legitimizing the IBBB by constructing a narrative of rationality, efficiency, and modernization. Initially, the press highlighted its creation and technical function; later, it emphasized its modernization and internationalization, until personifying its image through the leadership of Lydia de Queiroz Sambaquy. It is concluded that the press not only recorded the Institute's trajectory but also proactively participated in its institutionalization, conferring legitimacy and historical value upon it. The study reaffirms the newspaper as a mediator of information and a document of memory, underscoring its relevance for understanding the social organization of knowledge in Brazil.

Keywords: History of institutions, Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, Librarianship, Documentary mediation, Brazil.

Resumen

Examina la cobertura periodística sobre el Instituto Brasileño de Bibliografía y Documentación (IBBD), entre 1954 y 1959, con el propósito de comprender el papel del periódico en la constitución discursiva y pública de esta institución. La investigación parte de la concepción del periódico como documento y mediador discursivo, responsable de registrar, interpretar y legitimar prácticas sociales y científicas. Se trata de una investigación documental e histórica, de enfoque cualitativo y carácter interpretativo, fundamentada en el Análisis del Discurso y en la perspectiva de la mediación documentaria. El corpus está compuesto por doce artículos y once fotografías publicadas en seis periódicos de amplia circulación nacional, entre ellos *Correio da Manhã*, *A Noite*, *Jornal do Brasil* y *Diário de Notícias*, consultados en la Hemeroteca Digital de la Biblioteca Nacional de Brasil. Los resultados revelan que el discurso periodístico tuvo una participación decisiva en la legitimación del IBBB, al construir una narrativa de racionalidad, eficiencia y modernización. Inicialmente, la prensa destacó su creación y función técnica; posteriormente, enfatizó su modernización e internacionalización, hasta personificar su imagen en el liderazgo de Lydia de Queiroz Sambaquy. Se concluye que la prensa no solo registró la trayectoria del Instituto, sino que también participó de manera propositiva en su institucionalización, otorgándole legitimidad y valor histórico. El estudio reafirma al periódico como mediador de la información y documento de memoria, evidenciando su relevancia para la comprensión de la organización social del conocimiento en Brasil.

Palabras clave: Historia de las instituciones, Instituto Brasileño de Bibliografía y Documentación, Bibliotecología, Mediación documentaria, Brasil.

1. Introdução

Ao longo do século XX, o jornal consolidou-se como um dos principais espaços de circulação da informação e de produção de sentidos sobre a vida social. Mais do que relatar fatos, exerceu a função de mediador entre instituições e sociedade, registrando o que o tempo transformaria em memória. Em suas práticas editoriais e escolhas enunciativas, o jornal construiu modos de interpretar o cotidiano e de narrar o país, projetando, nas entrelinhas, as ideias de modernidade, progresso e identidade nacional que marcaram o período. Desse modo, converteu-se em instrumento de representação da cultura e em testemunho da forma como a sociedade aprendeu a se reconhecer (Barbosa, 2010).

A criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), em 1954, insere-se em um processo mais amplo de institucionalização da ciência, da tecnologia e da documentação no Brasil no período pós-Segunda Guerra Mundial. Esse contexto caracteriza-se por iniciativas sistemáticas do Estado brasileiro voltadas à estruturação de infraestruturas destinadas à produção, à circulação e ao controle da informação técnico-científica, em articulação com projetos de modernização nacional e com agendas internacionais de desenvolvimento científico (Gugliotta, 2019).

Nesse contexto, a atuação de organismos multilaterais, em especial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), foi determinante para a difusão de modelos institucionais voltados à organização da informação e à criação de centros bibliográficos em países considerados periféricos. A constituição do IBBBD insere-se em um regime de informação de caráter estadocêntrico, no qual o Estado assume a informação científica como recurso estratégico para o planejamento e a soberania nacional, articulando-se a redes internacionais de cooperação científica e documental (Gugliotta, 2019).

Nesse cenário, destaca-se a criação, em 1954, do IBBBD, que, em 1976, se transformaria no atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) (Cunha, 2005). A fundação do Instituto respondeu à necessidade de estabelecer uma política nacional voltada à organização e disseminação da informação científica, em sintonia com o ideário desenvolvimentista dos governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. O IBBBD surgiu como iniciativa pioneira na normalização e no intercâmbio de informações bibliográficas e documentárias em âmbito nacional (Sambaquy, 2020).

Na década de 1950, a informação bibliográfica passou a ser reconhecida como recurso estratégico para o avanço da ciência, a modernização administrativa e a integração do país aos fluxos internacionais de conhecimento. A instituição assumiu a função de centro de referência na coleta, sistematização e difusão da produção científica, contribuindo para a racionalização dos serviços de documentação e para a ampliação do acesso à informação técnica (Sambaquy, 2020). Para que esse projeto alcançasse visibilidade pública, a imprensa exerceu papel decisivo ao divulgar as atividades do Instituto e consolidar sua imagem como órgão moderno e indispensável ao desenvolvimento nacional.

Além disso, a consolidação de instituições voltadas à pesquisa e à pós-graduação, intensificada nas décadas seguintes, deve ser compreendida como desdobramento desse mesmo processo histórico. Conforme analisam Rodrigues, Oliveira & Juvêncio (2022), a modernização do ensino superior e a regulamentação da pós-graduação no Brasil responderam a demandas por formação científica especializada, criando condições institucionais que dialogam diretamente com a emergência de organismos como o IBBBD e com a centralidade atribuída à informação no projeto desenvolvimentista brasileiro.

Do ponto de vista da história da Ciência da Informação no Brasil, esse movimento antecede a institucionalização formal da área na década de 1970, evidenciando a existência de práticas informacionais estruturadas já nos anos 1950. Estudos como os de Oddone (2006) indicam que as atividades desenvolvidas no âmbito do IBBBD incorporavam concepções modernas de informação científica, fortemente influenciadas pela documentação europeia e por interlocuções com organismos internacionais, o que relativiza a noção de uma ruptura abrupta entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação.

Este estudo tem por objetivo analisar como a imprensa brasileira mediou a criação e a consolidação do IBBD, entre 1954 e 1959, construindo representações que legitimaram sua estrutura institucional e seu papel na política científica do país. Busca-se também compreender de que modo os jornais, ao noticiar sua fundação, atuaram como mediadores da informação, contribuindo para a constituição pública do IBBD como expressão do ideal de modernização científica e cultural daquele período.

A análise fundamenta-se em referenciais teóricos que reconhecem o jornal como documento e memória coletiva (Halbwachs, 1990), expressão do espírito do tempo (Hegel, [1837] 2001), forma de interação mediada (Thompson, 1998) e parte integrante do patrimônio da documentação (Otlet, 2018). Essa perspectiva permite compreender que a cobertura jornalística não se restringiu a registrar fatos administrativos sobre a criação do Instituto, mas produziu sentidos e representações sociais que o situaram como instância estratégica da política informacional brasileira. A imprensa é, portanto, compreendida como agente ativo na organização e difusão de valores culturais e científicos.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa documental, histórica e interpretativa. A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa documental e hemerográfica, tendo como *corpus* matérias publicadas entre 1954 e 1959 em seis periódicos brasileiros de grande circulação nacional como o *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *A Noite*, *Última Hora*, *Diário Carioca* e *Diário de Notícias*, disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Ao todo, foram identificadas e analisadas doze matérias principais acompanhadas por onze fotografias, que variam entre registros oficiais de posse, atividades técnicas e retratos institucionais, compondo um conjunto diversificado de fontes textuais e visuais.

Os jornais que compõem o corpus deste estudo ocupavam posições distintas no campo jornalístico brasileiro dos anos 1950, refletindo orientações editoriais, públicos leitores e vínculos institucionais específicos. O *Correio da Manhã* caracterizava-se por um perfil liberal e técnico-institucional, voltado a leitores das camadas médias urbanas e intelectuais, com forte tradição de cobertura política e administrativa. O *Jornal do Brasil*, por sua vez, passava, nesse período, por um processo de modernização editorial, consolidando-se como veículo de prestígio voltado à formação de opinião qualificada, com atenção crescente aos temas científicos e culturais. Já *A Noite* e o *Diário de Notícias* apresentavam uma orientação mais próxima do discurso estatal e administrativo, privilegiando a divulgação de atos oficiais e iniciativas governamentais. A consideração desses perfis permite compreender os diferentes enquadramentos discursivos adotados na cobertura do IBBD, bem como as estratégias de legitimação mobilizadas por cada jornal em consonância com sua posição no espaço social e editorial.

É importante salientar que a década que estes jornais se situam sobre notícias que envolvem o IBBD que correspondem ao contexto de alinhamento político nacional de modernização do espírito governamental de Juscelino Kubitschek, em que o desenvolvimento e modernização nacional necessitavam estar presentes nos diários dos feitos nacionais, narrando nesse caso os incentivos da ciência e tecnologia como marco fundador do progresso do Brasil que se idealizava:

O slogan do Governo Juscelino Kubitschek, que pretendia modernizar o Brasil, fazendo o trabalho de construção do país que levaria cinquenta anos em apenas cinco, resume o processo que tomo em conta das redações dos principais jornais na década de 1950. De acordo com o espírito do tempo dos anos JK, em que desenvolvimentismo e modernização são palavras de ordem, também os jornais diários mais importantes da cidade apressam-se em se transformar e, o mais importante, construir aquele momento como marco fundador de transformações decisivas no campo jornalístico (Barbosa, 2010).

Essa variedade de documentos permitiu examinar diferentes enquadramentos discursivos e representações sobre o IBBD. A técnica de análise adotada foi a análise de orientação discursiva, fundamentada nos pressupostos de Charaudeau (2018), que compreende o discurso como espaço de construção de sentidos em que se articulam o dizer, o sujeito e a situação de comunicação. Nessa perspectiva, o estudo das matérias jornalísticas considerou as condições de produção e os contratos de comunicação estabelecidos entre imprensa, Estado e público, permitindo identificar estratégias de legitimação, modalização e personificação empregadas

pelos jornais na representação do IBBD como representação de modernização científica e administrativa do Brasil.

Com este estudo, pretende-se contribuir para a história da informação e da documentação no país, evidenciando o papel dos jornais como mediadores na legitimação de instituições científicas e na circulação do conhecimento. Ao examinar as narrativas jornalísticas sobre o IBBD, busca-se compreender como a imprensa participou da constituição pública do Instituto, articulando ciência, Estado e comunicação como dimensões de um mesmo projeto de modernização nacional.

2. Jornal: documento mediador

Compreender o jornal como instância de mediação documentária implica reconhecê-lo não apenas como suporte de notícias, mas como dispositivo social de registro e interpretação da realidade. Essa compreensão permite situá-lo como componente produtor nos processos de organização e circulação da informação, articulando conteúdos, práticas e valores produzidos em contextos históricos específicos. Nessa perspectiva, Thompson (1998, p. 78) define a informação jornalística como uma forma de “interação mediada”, na qual emissores e receptores encontram-se em contextos distintos e assimétricos. O jornal, ao intermediar esses contextos, atribui sentidos aos acontecimentos e lhes confere inteligibilidade social.

Essa dimensão relaciona-se ao que Hegel ([1807] 1998; [1837] 2001) denomina espírito do tempo (*Zeitgeist*), ao considerar que os periódicos expressam representações coletivas que condensam práticas, ideias e valores de uma sociedade. Para Otlet (2018, p. 225), os jornais constituem “as peças mais preciosas e mais autênticas do espírito de cada nação”, devendo ser analisados como documentos por excelência e como expressões materiais de uma sociedade em movimento. Sua função ultrapassa a simples divulgação de fatos, pois produz efeitos duradouros, orienta modos de pensamento e estrutura formas de percepção e de organização da experiência social.

Sob essa ótica, o jornal assume duplo estatuto, isto é, simultaneamente documento a ser preservado e instância de mediadora que orienta a apropriação social da informação. Como observa Otlet (2018, p. 221), “os jornais diários contêm, em abundância, a matéria da história no dia a dia e, por esse motivo, devem ser conservados”. Ao reunir registros sobre arte, ciência, política, economia e costumes, os periódicos organizam e disponibilizam fragmentos do real que, uma vez preservados, constituem parte essencial da memória social.

Essa concepção é atualizada por Carvalho & Ortega (2024), ao enfatizarem a materialidade e a processualidade da documentação, entendida como atividade que envolve identificar, selecionar, ordenar, conservar e comunicar registros. Essas ações, além de garantir a permanência dos documentos, conferem-lhes valor mediador, pois os transformam em suportes de significação e em instrumentos de interpretação. A mediação, nesse sentido, constitui interface entre conteúdos organizados e as demandas informacionais dos sujeitos e das instituições.

Os autores também destacam o papel da mediação documentária como interface projetada para apoiar a construção do conhecimento, articulando as demandas dos usuários com as representações inscritas nos documentos. Os significados atribuídos a essas interfaces são situacionais e resultam das interações entre sujeitos, conteúdos e contextos técnicos, sociais e políticos. Nessa perspectiva, o documento desempenha função mediadora tanto técnica quanto social, orientando práticas de comunicação, legitimando instituições e estabelecendo hierarquias de valor e de poder.

Portanto, a mediação documentária não se restringe a um conjunto de procedimentos técnicos, mas deve ser entendida como prática social situada, condicionada por interesses, valores e interpretações que atravessam cada campo de produção do conhecimento. Como assinala Celadec (1981), a documentação constitui produto social que, em muitos casos, se distancia das práticas populares, seja pela limitação de acesso aos acervos que concentram informações essenciais, seja pela ausência de registros formais sobre experiências cotidianas.

Sob essa perspectiva, o jornal atua como mediador entre o acontecimento e sua representação, articulando dimensões técnicas e sociais na produção e difusão da informação. Ao registrar fatos, também os interpreta, atribuindo-lhes sentidos que se inserem em estruturas discursivas mais amplas. Essa mediação documentária evidencia que os suportes informacionais não apenas transmitem conteúdos, mas participam da construção de ordens de sentido e representações coletivas.

Assim, compreender o jornal como mediação documentária é reconhecer sua função estruturante na produção e circulação da informação. Mais do que fonte histórica, o jornal constitui um dispositivo informacional no qual se articulam materialidade documental, mediação social e legitimação institucional. No âmbito desta pesquisa, essa abordagem permite compreender como o jornal converteu documentos em narrativas e narrativas em legitimidade social, contribuindo para a consolidação de práticas e valores que sustentaram o projeto de modernização informacional no Brasil.

3. IBBD: institucionalização e legitimação pela mediação jornalística (1954–1959)

A leitura dos textos jornalísticos indica que as representações discursivas do IBBD se apresentam de modo diferenciado segundo o perfil editorial de cada periódico. Nos veículos de caráter técnico-institucional, observa-se a valorização da inserção do Instituto nas estruturas estatais de planejamento e nos processos de racionalização administrativa. Em contrapartida, nos jornais voltados à formação de opinião e à difusão cultural, predominam narrativas que ressaltam a modernização científica, a inovação tecnológica e a projeção internacional da instituição. Tais distinções não se explicam apenas por opções de linguagem ou estilo, mas expressam posicionamentos específicos no campo jornalístico e distintas formas de mediação entre ciência, Estado e público leitor. Desse modo, a cobertura do IBBD impõe-se como objeto de interpretação situado nas condições editoriais e sociais de produção de cada veículo.

Nesse mesmo horizonte analítico, impõe-se considerar o contexto histórico mais amplo em que tais discursos se inscrevem. A década de 1950 caracterizou-se, no Brasil, pelo fortalecimento das políticas estatais voltadas à ciência e à tecnologia, em consonância com o ideário desenvolvimentista que orientou os governos de Getúlio Vargas e, posteriormente, de Kubitschek. Nesse contexto, a informação bibliográfica passou a ser reconhecida como recurso estratégico para o avanço da pesquisa científica, para a modernização administrativa e para a inserção do país nos fluxos internacionais de conhecimento.

O movimento de expansão e de organização das estruturas voltadas à produção e à circulação do saber estimulou a criação de instituições destinadas à consolidação de uma política nacional de informação. Foi nesse cenário que se instituiu, em 1954, o IBBD, compreendido como parte do esforço de fortalecimento da infraestrutura científica brasileira. O novo órgão foi concebido com a finalidade de organizar e coordenar os recursos bibliográficos existentes, ampliando o acesso e a circulação da informação científica em âmbito nacional.

A visibilidade e o reconhecimento do projeto estiveram associados ao papel desempenhado pelos jornais. A divulgação dos decretos de criação, das posses de diretoria e das atividades técnicas do Instituto possibilitou a construção de uma imagem pública de legitimidade e de utilidade social. As matérias publicadas configuraram um discurso de institucionalização, no qual o IBBD foi apresentado como elemento integrante da política científica do Estado.

Em 28 de janeiro de 1954, o jornal *Correio da Manhã* noticiou a assinatura do decreto presidencial que criava o Instituto, destacando suas finalidades e funções:

O presidente da República assinou decreto criando o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (I.B.B.D), com a finalidade de estimular o intercâmbio entre bibliotecas e centros de documentação no âmbito nacional e internacional, coordenar o melhor aproveitamento dos recursos bibliográficos e documentários, tendo em vista sua utilização na informação científica e tecnológica destinada aos pesquisadores (*Correio da Manhã*, 28 Janeiro, 1954, p. 5).

Nesse sentido, é importante observar que a cobertura do *Correio da Manhã* não se restringia a uma função meramente informativa. Ao detalhar as atribuições do Instituto, o jornal instituiu-se como mediador da legitimidade de uma nova política pública voltada à informação científica. A ênfase dada à publicação de boletins, à catalogação cooperativa e à formação de especialistas produziam o IBBD como um organismo técnico, racionalizador e, sobretudo, necessário para alinhar o país às práticas internacionais de documentação.

O Instituto executará seu programa de atividades de acordo com os interesses e objetivos do Conselho Nacional de Pesquisa do DASP e da Fundação Getúlio Vargas e entre suas atribuições figuram a publicação de boletins bibliográficos, serviço de catalogação cooperativa, publicações de guia gerais das fontes de pesquisas bibliográficas e desenvolvimento de cursos de formação e aperfeiçoamento em biblioteconomia e documentação (*Correio da Manhã*, 28 janeiro, 1954, p. 5).

Assim, a imprensa contribuiu para a construção de um discurso de modernidade que ultrapassava os limites da Biblioteconomia e da Documentação, inserindo o IBBD no horizonte mais amplo das reformas administrativas e do planejamento científico do Estado brasileiro. Ao situar o Instituto sob a égide do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e da Fundação Getúlio Vargas, a matéria vinculava diretamente sua atuação às instâncias estratégicas do desenvolvimento nacional, atribuindo-lhe o estatuto de peça-chave no esforço de modernização do país.

Além disso, ao apresentar o IBBD como articulador nacional das práticas de informação, a narrativa jornalística apresentava-se como espaço de consolidação do Instituto enquanto guardião da memória científica. Nesse enquadramento, apresenta-se o órgão como depositário legítimo dos instrumentos de racionalização bibliográfica, responsável por garantir a circulação ordenada do conhecimento em um cenário de crescente valorização da ciência como motor do progresso.

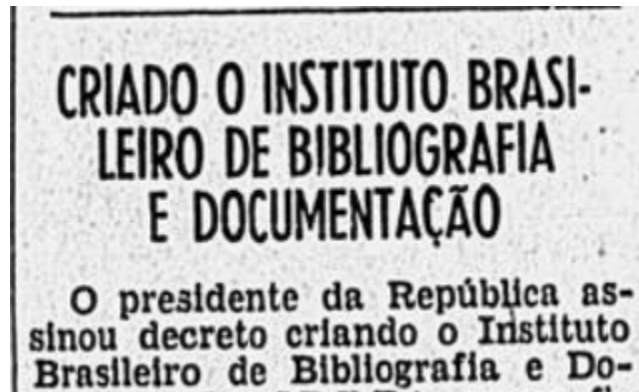
Portanto, pode-se afirmar que a imprensa não apenas registrou o surgimento do IBBD, mas atuava na sua legitimação, reforçando a imagem de que a institucionalização da documentação científica era condição indispensável para a integração do Brasil às dinâmicas globais da produção e da circulação do saber.

Nesse movimento, cada jornal atribuiu um enquadramento próprio ao noticiar a criação do Instituto. Enquanto alguns veículos privilegiaram uma narrativa mais burocrática e administrativa, ressaltando sua vinculação ao Estado, outros buscaram traduzir suas finalidades em termos práticos e sociais, aproximando-o do leitor comum. É nesse ponto que se destacam as matérias publicadas pelo *Correio da Manhã* (28 fev. 1954, p. 5) e por *A Noite* (3 mar. 1954, p. 3), que, embora tratem do mesmo decreto, revelam nuances distintas no modo de apresentar o novo órgão ao público.

Nesse contexto, o *Correio da Manhã* (28 fevereiro 1954) conferiu à cobertura um tom marcadamente técnico e institucional. A notícia aparece em formato detalhado, enfatizando as atribuições do Instituto como a publicação de boletins bibliográficos, a catalogação cooperativa e a formação de profissionais. O texto, ao destacar a vinculação ao CNPq, ao DASP e à Fundação Getúlio Vargas, produzia o IBBD como peça integrante do aparato administrativo estatal. Nesse enquadramento, a legitimação do Instituto ocorreu sobretudo pela associação ao planejamento e à racionalização, em sintonia com a lógica burocrática e desenvolvimentista do período, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1

Correio da Manhã (RJ), 28 de fevereiro de 1954

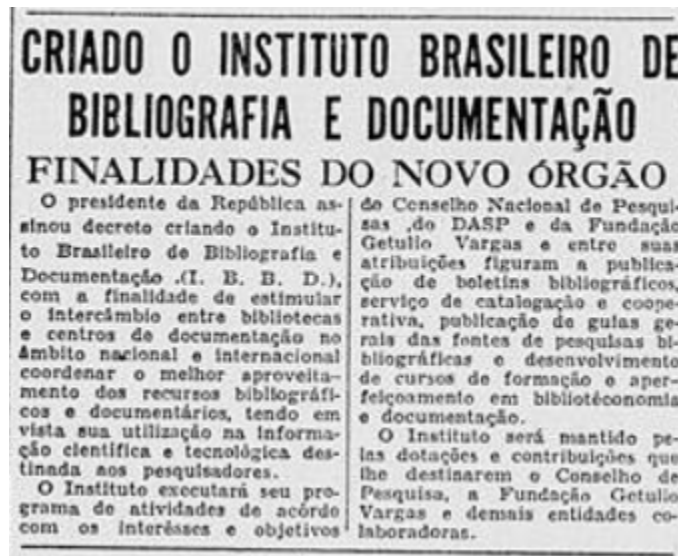


Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (2025).

Já em *A Noite* (3 março de 1954) embora o enquadramento também se mantenha no registro institucional, o foco recai na enumeração das finalidades e atribuições do novo órgão. A matéria organiza-se em torno de uma listagem objetiva de funções, estimular o intercâmbio entre bibliotecas, promover a catalogação cooperativa, publicar boletins bibliográficos e coordenar centros de documentação. Ao ressaltar a vinculação ao CNPq, ao DASP e à Fundação Getúlio Vargas, o jornal reforça a inserção do IBBD no interior de um aparato estatal de planejamento e modernização administrativa. Nesse enquadramento, o discurso jornalístico legitimou o Instituto não pela aproximação com o cotidiano do leitor, mas pela reafirmação de seu papel técnico e estratégico na organização da informação científica e documental, conforme observa-se na Figura 2.

Figura 2

A noite (RJ), 3 março de 1954, p. 3



Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (2025).

A comparação entre os dois veículos evidencia, portanto, como os jornais contribuíram para a construção da imagem do IBBD, projetando-o, de um lado, como organismo estatal de racionalização técnica; de outro, como facilitador social do acesso à informação científica. Essa dupla legitimação foi mostrou-se importante para consolidar o Instituto tanto no campo burocrático quanto no imaginário cultural da época.

Nesse sentido, a cobertura inicial de jornais como o *Correio da Manhã* e *A Noite* demonstra, portanto, que a criação do IBBD não foi apresentada apenas como mais uma medida burocrática do governo, mas como parte de um projeto estratégico de modernização. Ao enfatizar o caráter inovador da instituição, os jornais buscaram tanto traduzir para o público as finalidades do novo órgão quanto vinculá-lo às instâncias de planejamento do Estado, conferindo-lhe uma legitimidade imediata.

Esse enquadramento discursivo abriu caminho para uma etapa seguinte: a efetiva estruturação institucional do IBBD. Criado oficialmente no início de 1954, o Instituto avançou rapidamente nesse processo, e a posse de sua primeira diretoria, realizada em 6 de abril do mesmo ano, constituiu um marco fundamental para sua consolidação no cenário informacional e científico brasileiro.

Segundo o *Jornal do Brasil* (7 abr. 1954, p. 10), a presidência coube a Lydia de Queiroz Sambaquy, tendo como vice-presidente Mario Viana Dias e, ainda, como membros Joaquim da Costa Ribeiro, Rafael Xavier, Araújo Cavalcanti, Benedito Silva, Melo Flores e Octacílio Flores. A composição reunia nomes expressivos da Biblioteconomia, da ciência e da administração pública, o que conferia legitimidade e prestígio à instituição recém-criada.

Esse quadro diretivo evidenciou, por um lado, a centralidade da Biblioteconomia, representada pela presença de Sambaquy, referência profissional que simbolizava a valorização técnica da área. Por outro, revelou o vínculo estreito do Instituto com as políticas nacionais de fomento à ciência e à tecnologia, reforçado pela participação de cientistas ligados ao CNPq. Além disso, a presença de gestores e administradores indicou a intenção de articular o IBBD a um projeto mais amplo de racionalização administrativa e de modernização estatal.

A solenidade foi registrada pelos jornais não apenas em texto, mas também em imagem. A fotografia publicada pelo *Jornal do Brasil* apresenta a presidente Sambaquy ladeada por outros membros da diretoria em ambiente formal, cercados de documentos, como evidenciado na Figura 3.

Figura 3
Jornal do Brasil (RJ), 7 abril de 1954, p. 10



Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (2025).

O enquadramento da cena transmite a ideia de oficialidade e seriedade, reforçando a legitimidade da nova diretoria. A imagem, ao materializar o encontro entre bibliotecários, cientistas e administradores, expressa o caráter multidisciplinar do projeto do IBBD e sua pretensão de integrar diferentes campos do saber em torno da modernização da informação.

Desse modo, a posse da diretoria não apenas formalizou a existência do Instituto, mas também simbolizou a articulação entre Biblioteconomia, ciência e administração pública em um projeto comum de desenvolvimento. Os jornais, ao registrar e difundir esse momento, atuaram como mediadores da legitimidade institucional, vinculando o IBBD à racionalização administrativa e ao fortalecimento da política científica nacional.

Ao mesmo tempo, o destaque conferido pelos jornais ao evento indica que o Instituto se constituía como espaço de produção e organização da informação científica, comprometido com a divulgação do conhecimento e com a democratização do acesso às fontes bibliográficas importantes ao progresso da pesquisa no país.

A participação de cientistas como Joaquim da Costa Ribeiro, físico de destaque no CNPq, demonstra a vinculação estreita entre o IBBD e as políticas nacionais de fomento à ciência e à tecnologia. Além disso, a inclusão de nomes ligados à administração pública indicava que o Instituto não se restringiria a funções técnicas, mas assumiria também um papel estratégico na racionalização dos serviços documentários em âmbito estatal.

A fotografia publicada pelo *Jornal do Brasil* registrou a reunião de posse da primeira diretoria do IBBD, ocorrida nas dependências do CNPq. Mais do que simples registro visual, a imagem adquire caráter

significativo ao reforçar a legitimidade institucional do novo órgão. Ao mostrar a presença das principais lideranças do Instituto em torno da mesa de trabalho, o jornal constrói uma representação de seriedade e compromisso científico-administrativo.

Assim, a fotografia não apenas documenta o acontecimento, mas também o insere em um discurso visual de modernidade e racionalização, em sintonia com o projeto de institucionalização da ciência e da informação no Brasil dos anos 1950.

A repercussão da posse da diretoria do IBBD não se restringiu às páginas do *Jornal do Brasil*. Poucos dias depois, em 11 de abril de 1954, o *Diário de Notícias* (RJ) também noticiou que fora “empossada a nova diretoria do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação” (*Diário de Notícias*, 11 abr. 1954). Dessa forma, a presença do evento em diferentes jornais evidencia a convergência do discurso jornalístico na difusão da importância do novo órgão, reforçando, assim, sua inserção no cenário científico nacional.

Além de assegurar a circulação da notícia, a cobertura jornalística sobre o IBBD contribuiu para consolidar uma imagem pública de credibilidade e relevância institucional. Ao mesmo tempo, ao destacar suas finalidades e enquadrá-lo nas políticas de modernização do Estado, os jornais atuaram como instrumentos de legitimação, articulando os discursos político e científico que sustentaram a criação do Instituto.

Em continuidade à repercussão inicial de sua criação, a imprensa voltou a destacar o IBBD dois anos depois. O *Jornal do Brasil*, em 20 de maio de 1956, publicou matéria em que apresentou o IBBD como “um grande centro de pesquisas de documentos e livros”, sublinhando sua finalidade no campo da informação técnico-científica e ressaltando a importância de sua biblioteca, então considerada a mais completa da América Latina:

A biblioteca do Instituto no sentido científico e tecnológico, é a mais completa da América Latina, por causa dos seus diferentes setores: preparação. Referência e empréstimo. Há, ainda, o serviço de informações Técnico-Científicas, com sua assistência técnica, informações e intercâmbio, pesquisas bibliográficas e traduções (*Jornal do Brasil*, 20 Maio 1956, p. 9).

O conteúdo da matéria revela uma estratégia discursiva voltada à legitimação do IBBD como centro de excelência não apenas nacional, mas regional, posicionando o Brasil como referência na área de Biblioteconomia e Documentação. Ao qualificá-lo como “a mais completa da América Latina”, o jornal produzia uma narrativa de liderança científica e tecnológica, atribuindo prestígio político e cultural à instituição. Assim, a cobertura jornalística, enquanto informava, produz representações que consolidavam o Instituto como espaço estratégico de apoio à ciência e à tecnologia.

Esse esforço de legitimação da modernidade do instituto foi reforçado também pela utilização de imagens. A fotografia divulgada pelo *Jornal do Brasil* em 1956 ilustra de maneira contundente esse enquadramento, pois direciona a atenção do leitor ao uso do microfilme, apresentado como tecnologia de ponta e como marca da eficiência documental do IBBD, como ilustrado na Figura 4.

Figura 4
Jornal do Brasil (RJ), 20 de maio de 1956, p. 9

Um grande centro de pesquisas de documentos e livros
A finalidade do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação — Uma biblioteca bem aparelhada — Tem sido boa a aceitação dos serviços

O Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação é um centro de pesquisas no campo dos documentos e dos livros, sob a direção da professora Lygia de Queiroz Sampaio.

O IBBD foi criado por um decreto de 1954, com caráter técnico-científico. Possui uma equipe de 150 funcionários especializados e distribuídos pelos seguintes setores: Administração, Secretaria, Biblioteca, Intercâmbio e Publicações, Catálogo Coletivo e Publicações.

A Biblioteca do Instituto, no sentido científico e tecnológico, é a mais completa da América Latina, por causa dos seus diferentes setores: preparação, referência e empréstimo. Há, ainda, o Serviço de Informações Técnico-Científicas, com sua assistência técnica, informações e intercâmbio, pesquisas bibliográficas e traduções. O serviço de micro-filmes atendido pelo IBBD ao Brasil como ao exterior, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura da UNESCO e do Conselho Nacional de Pesquisas, foi criado, organizado e instalado o Instituto Brasileiro de Documentação e Informação.



Por meio de micro-filmes, são realizadas diariamente milhares de reproduções de livros e artigos de publicações. Na foto, a aparelhagem a tal fim destinada

Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (2025).

A valorização do microfilme na matéria de 1956 não se limitava ao aspecto tecnológico. O *Jornal do Brasil* (1956) também enfatiza a ampla aceitação social dos serviços prestados pelo Instituto, destacando sua utilidade prática para diferentes setores. Ao ressaltar a procura crescente por informações e reproduções documentais, o

periódico construía ali a imagem de um órgão já consolidado, capaz de atender às demandas da indústria, das universidades e dos pesquisadores em geral.

Nesse contexto, afirma o jornal:

Tem sido esplêndida a aceitação dos serviços do Instituto. A indústria, principalmente a de São Paulo, tem recorrido muito às nossas informações. Já é bem expressivo o número de consultas bibliográficas e de encomenda de microfilmes recebidos de instituições e de pessoas que trabalham em ciência pura. No momento está o Instituto realizando acordos especiais com universidades brasileiras, através dos quais elas se comprometem a desenvolver serviços de informação bibliográficas, técnico-científicas, em caráter regional e que deverão trabalhar em perfeita colaboração com o Instituto na compilação do Catálogo Coletivo Nacional (*Jornal do Brasil*, 20 maio de 1956, p. 9).

Esses registros evidenciam que os jornais buscavam consolidar a imagem do IBBD como instituição útil, ao mesmo tempo científica e prática, capaz de atender à indústria, às universidades e à comunidade científica. A valorização da “aceitação dos serviços” indica que o Instituto já havia conquistado legitimidade social, sendo percebido como elo entre diferentes esferas do conhecimento e da produção.

Nesse sentido, ao destacar a procura vinda principalmente da indústria paulista e a formalização de acordos com universidades brasileiras, a matéria projeta o IBBD como peça primordial de uma rede em expansão. Não se tratava apenas de atender demandas pontuais, mas de estruturar uma dinâmica de cooperação entre ciência, tecnologia e sociedade, em escala nacional. A referência ao Catálogo Coletivo Nacional, por sua vez, reforçava a dimensão estratégica da instituição, além de integrar bibliotecas e centros de pesquisa, o Instituto assumia o papel de coordenador de um sistema que visava racionalizar esforços, evitar duplicações e democratizar o acesso ao conhecimento científico.

A narrativa escrita no jornal enfatizava a abrangência e a completude da biblioteca, a representação visual reforçava a associação do IBBD à inovação tecnológica. O destaque conferido ao microfilme na fotografia publicada em 1956 complementava o discurso textual que apresentava a biblioteca do Instituto como “a mais completa da América Latina”. Se, por um lado, a afirmação jornalística buscava projetar a grandiosidade do acervo e a estrutura organizacional, por outro, a imagem simbolizava o domínio de técnicas modernas de reprodução e preservação documental.

Dessa forma, o jornal produzia uma dupla legitimação, quantitativa, pelo tamanho e diversidade do acervo, e qualitativa, pelo alinhamento às práticas de vanguarda, consolidando o IBBD como parte fundamental do projeto de modernização científica do país.

Ainda em 1956, observa-se uma inflexão na forma como a imprensa retratava o IBBD. Se até então predominavam reportagens que enfatizavam sua criação legal e seus avanços técnicos, o *Jornal do Brasil*, em 7 de julho daquele ano, passou a personalizar a narrativa, centrando a atenção na figura de sua presidente, Sambaquy. Ao dedicar praticamente uma página inteira à dirigente sob o título “*O Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação e a sua presidente*”, o jornal deslocava o foco da instituição para sua liderança, sugerindo uma estratégia de legitimação pela personificação.

A reportagem, assinada por Gilda Grillo, apresentava uma combinação de elementos de valorização pessoal e institucional. Sambaquy era caracterizada como funcionária exemplar, cuja disciplina e dedicação simbolizavam a própria ordem e eficiência do IBBD. A ênfase atribuída à rotina intensa de trabalho, marcada pelo cumprimento de longas jornadas e pela continuidade das atividades fora do expediente, contribuía para consolidar a imagem de um órgão que ultrapassava os limites da burocracia estatal e se associava a uma ética de compromisso com a ciência e com o serviço público.

Bonita e dona de uma personalidade encantadora, quisemos conhecê-la como funcionária pública “sui generis” que é, pois trabalha das nove às dezenove horas e ainda leva trabalho para casa; aos sábados, enche a pasta de serviço, que realiza aos domingos, principalmente colaborações para o *Boletim do IBBD*; atualmente está de férias, mas não deixa de comparecer ao Instituto, que não ousamos sequer denominar de Repartição, tão diferente é ele da grande maioria das Repartições Públicas que conhecemos. No IBBD tudo transpira ordem, limpeza, eficiência e cordialidade! As bibliotecárias também não são do

tipo que geralmente se vê nas bibliotecas; muito ao contrário, são jovens, bonitas, cultas, inteligentes e extremamente prestativas (Grillo, 7 Julho, 1956, p. 8).

O trecho supracitado evidencia um discurso de caráter abertamente elogioso da matéria, na qual a presidente e o corpo técnico do IBBBD são descritos por meio de adjetivos que ultrapassam a objetividade jornalística. Ao caracterizar Sambaquy como funcionária pública *sui generis*, disciplinada e incansável, a reportagem a inscreve como modelo de dedicação e eficiência, projetando sobre sua figura individual o funcionamento exemplar do Instituto.

Essa forma de exaltação pessoal, recorrente no discurso institucional da época, contribuiu para construir uma imagem do IBBBD como órgão diferenciado, associado à competência e à modernidade. Em contraposição à representação dominante das repartições públicas frequentemente marcadas pela morosidade e pela desorganização, o jornal promoveu a instituição como expressão do êxito administrativo e da racionalidade técnica que orientavam o projeto de desenvolvimento nacional, tal como exposto na Figura 5.

Figura 5
Jornal do Brasil (RJ), 7 julho de 1956, p. 8



Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (2025).

Tal enquadramento discursivo reforça-se com a fotografia publicada na mesma edição, na qual Sambaquy aparecia acompanhada de bibliotecárias em ambiente de trabalho, cercadas de livros e documentos. A imagem, ao destacar simultaneamente a dirigente e sua equipe, conferia visibilidade ao corpo técnico feminino, apresentado como parte constitutiva do êxito institucional. Nesse sentido, a ênfase jornalística na presença de mulheres jovens, instruídas e ativas no cotidiano do Instituto pode ser interpretada como elemento de consolidação de uma identidade moderna e eficiente, ainda que atravessada por representações de gênero próprias do período.

A cobertura de julho de 1956, portanto, não apenas informava sobre a atuação administrativa da presidente, mas também produzia efeitos discursivos que delineavam uma identidade institucional para o IBBBD, sustentada em valores como ordem, disciplina, eficiência e inovação. Ao exaltar a dedicação de Sambaquy e, de forma complementar, o trabalho das demais bibliotecárias, o jornal vinculava a liderança e a equipe técnica à

modernidade da Biblioteconomia, projetando a profissão como espaço de dinamismo e competência no serviço público.

Desse modo, o jornal produz o IBBD como um ambiente identificado com a competência técnica e a renovação administrativa, sinalizando avanços em relação aos padrões tradicionais das repartições públicas. Nesse enquadramento, a legitimidade do Instituto se consolidava tanto pela personificação de sua presidente quanto pela atuação coletiva de sua equipe, o que reforçava sua imagem como órgão diferenciado, orientado pela ordem, pela eficiência e pelo espírito de modernização.

A análise das matérias publicadas entre 1954 e 1956 evidencia o processo de legitimação do IBBD na imprensa. Inicialmente, os jornais destacavam o ato de criação e a posse da diretoria; em seguida, enfatizavam a consolidação institucional e os avanços tecnológicos; e, por fim, personalizavam a narrativa na liderança de Sambaquy. Observa-se, assim, que o jornal construiu gradualmente a imagem pública do Instituto, transitando da ênfase na institucionalização para a valorização da modernização técnica e da direção. Esse percurso consolidou a representação do IBBD como referência nacional em informação científica e tecnológica, abrindo espaço para a divulgação de suas ações concretas, como a publicação de boletins bibliográficos, a organização de guias e a promoção de cursos de capacitação.

Entre essas iniciativas, sobressaíam-se os cursos voltados à formação e ao aperfeiçoamento de profissionais da Biblioteconomia e da Documentação. Nesse contexto, o jornal conferiu ampla visibilidade à visita ao Brasil de Jesse H. Shera, professor e então decano da Escola de Biblioteconomia da *Western Reserve University*, reconhecido como uma das principais autoridades norte-americanas no campo da Documentação.

Em 3 de agosto de 1957, o *Última Hora* noticiou, em destaque, que o “decano vem ensinar como se faz documentação”, informando que Shera ministraria um curso intensivo de um mês no Rio de Janeiro. A reportagem descrevia um programa abrangente, voltado a temas centrais da área, como técnicas de indexação e resumos, organização bibliográfica, teoria da classificação, métodos de localização de informações, mecanização de serviços, uso de microfilmes, problemas de documentação internacional e cooperação bibliográfica, segundo ilustra a Figura 6.

Figura 6
Última Hora (RJ), 3 Agosto 1957, p. 8

DEÃO VEM ENSINAR COMO SE FAZ DOCUMENTAÇÃO

O Professor Americano Jesse H. Shera Dará um Intensivo Curso de um Mês

Deverá chegar ao Rio, no dia 11 do corrente, o professor Jesse H. Shera, deão da Escola de Biblioteconomia de Western Reserve University que, a convite do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação do Conselho Nacional de Pesquisa, sob o patrocínio da Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, realizará um curso sobre Documentação e Organização Bibliográfica.

O professor Jesse H. Shera, que é natural do Estado do Ohio tem se dedicado há longos anos ao assunto de sua especialidade, sendo considerado uma das mais destacadas autoridades nos Estados Unidos no que se refere a Bibliografia e Documentação. O curso que vai ministrar nesta Capital será intensivo, tendo a duração de um mês.

O professor Jesse H. Shera obedecerá, em seu curso, o seguinte programa:

1. Documentação, suas finalidades e características, suas relações com os processos da comunicação de idéias e com a Biblioteconomia; 2. Forma bibliográfica; 3. Teoria geral da bibliografia e sua relação com as práticas bibliográficas da documentação; 4. Tipos de organização bibliográficas — o índice, o catálogo, o "abstract", o ensaio bibliográfico; 5. Problemas de indexação, "Abstracting", e existentes na preparação de ensaios bibliográficos; 6. Organização das publicações — classificação; 7. Teoria da classificação — Consideração histórica; 8. Sistemas modernos de classificação; 9. Outros métodos de localização e sistematização das informações; 10. Mecanização bibliográfica; 11. Futuro da classificação; 12. Linguagem e outras formas de simbolismo; 13. Reprodução de publicações — Técnicas: fotográfica e de "Near-print"; 14. Preparação e edição de manuscritos; 15. Divulgação e distribuição; 16. Problemas especiais manuseio de outros tipos de materiais para documentação — Filmes, gravações, material de arquivos, etc.; 17. Problemas gerais de organização e administração; 18. Técnicas de avaliação — A necessidade do desenvolvimento de pesquisas; 19. Cooperação em âmbito local e regional; 20. Cooperação em âmbito internacional; 21. Treinamento de documentalistas.

Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (2025).

Evidencia-se, nessa cobertura o esforço do IBBD em alinhar-se às tendências internacionais da Biblioteconomia e da Documentação, promovendo a vinda ao país de especialistas de reconhecida autoridade para difundir metodologias atualizadas. Ao mesmo tempo, revela que o jornal interpretava essas iniciativas como estratégias de legitimação institucional. Ao sediar cursos ministrados por pesquisadores estrangeiros de prestígio, o instituto reforçava sua imagem como centro de referência não apenas nacional, mas também inserido nos debates internacionais sobre informação e documentação.

O *Diário Carioca*, em 5 de agosto de 1957, também noticiou a visita de Shera, publicando a manchete "Decano americano vai ensinar brasileiro a fazer biblioteca". Nesse caso, observa-se uma estratégia de simplificação discursiva, em que o vocabulário técnico é substituído por uma formulação de maior apelo popular, aproximando o conteúdo do leitor leigo e reforçando a centralidade do IBBD como difusor de conhecimento prático. A reportagem apresenta a presença do professor norte-americano como oportunidade singular de atualização profissional, informando que o curso seria realizado no Rio de Janeiro, estruturado em vinte preleções, sob coordenação do Instituto e com apoio da Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), como pode ser visto na Figura 7.

Figura 7
Diário Carioca (RJ), 5 ago. 1957, p. 1



Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (2025).

Nesse sentido, a escolha da manchete revela o esforço do jornal em traduzir, para o público em geral, a relevância da iniciativa, deslocando o vocabulário especializado para uma formulação de maior impacto “ensinar a fazer biblioteca”. Essa simplificação discursiva reforça, simultaneamente, o protagonismo do IBBD como promotor do conhecimento técnico e sua função estratégica na formação de profissionais brasileiros, em consonância com os padrões internacionais da Biblioteconomia e da Documentação.

Na sequência dessa repercussão, o curso ministrado por Shera estendeu-se ao jornal *A Noite*, que, em 12 de agosto de 1957, noticiou a aula inaugural realizada no auditório do IBBD, no Rio de Janeiro. Sob o título “Começa hoje o curso de bibliografia”, a matéria descrevia os objetivos da iniciativa: capacitar bibliotecários e documentalistas brasileiros nas técnicas mais recentes de organização bibliográfica, com ênfase na elaboração de catálogos, bibliografias e índices.

Além disso, o jornal detalha ainda o perfil do professor convidado, destacando sua posição como decano da Escola de Biblioteconomia da *Western Reserve University* e sua projeção internacional no campo da Documentação. Segundo a notícia, Shera ministraria vinte preleções, abordando desde os fundamentos teóricos da documentação até questões contemporâneas, como indexação, classificação, microfilmes e cooperação bibliográfica internacional, conforme ilustrado na Figura 8.

Figura 8
A noite (RJ), 12 agosto de 1957, p. 2

COMEÇA HOJE O CURSO DE BIBLIOGRAFIA
Aula Inaugural às 9 Horas, no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação — Quem é o Professor Jesse Shera

Inicia-se hoje, dia 12, às 9 horas, no auditório do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, à Avenida General Justo, 171, 4.º andar, o curso Intensivo de Bibliografia, que será dado pelo professor americano Jesse H. Shera.

O objetivo desse curso é adestrar nossos bibliotecários e documentaristas nas técnicas mais modernas de catalogação e pesquisa bibliográfica, possibilitando uma considerável melhoria em todas as organizações que têm o livro como centro de interesse.

QUEM É JESSE SHERA

O responsável pelo curso, prof. Shera, é o chefe da Escola de Biblioteconomia da Universidade de Western Reserve, nos Estados Unidos, sendo considerado pelos especialistas como uma das maiores autoridades de nosso tempo em assuntos do gênero. Desde algum tempo, o prof. Shera vem excursionando em vários países dando cursos rápidos e objetivos a fim de difundir as últimas conquistas da ciência Biblioteconômica, principalmente nos setores da Documentação e da Organização Bibliográfica.

UM MÊS DE AULAS APENAS

Dada a absoluta impossibilidade de o Prof. Shera permanecer em nosso país por mais tempo, devido aos seus outros compromissos de ordem cultural, o curso terá a duração de apenas trinta dias,

nas quais serão focalizadas a Documentação, suas finalidades e características, relações com os diversos processos de comunicação de idéias mais conhecidas e a Biblioteconomia e suas bases gerais. Todas as aulas serão realizadas na sede do IBBD, no endereço já indicado e no mesmo horário, devendo haver algumas demonstrações de ordem prática para melhor entendimento de determinados assuntos.

Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (2025).

Esse registro da cobertura jornalística não se limitou a anunciar a presença de Jesse H. Shera no país, mas acompanhava o desenvolvimento do curso, atribuindo-lhe relevância científica e institucional. Ao detalhar seus objetivos, métodos e público-alvo, o jornal reforçou a ideia de que a iniciativa não era episódica, mas parte de um esforço estruturado de atualização profissional. Desse modo, o IBBD se institui não apenas como espaço de recepção de especialistas estrangeiros, mas como instância mediadora entre saberes internacionais e demandas locais, legitimando-se como centro estratégico de formação bibliográfica e documental no Brasil.

As atividades de capacitação promovidas pelo Instituto não se restringiram à vinda de Shera, em 1957. No ano seguinte, o IBBD ampliou suas ações de internacionalização ao convidar Jacques Samain, pesquisador do *Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)*, para ministrar um curso sobre mecanização da documentação, divulgado pela imprensa como experiência pioneira no país. Esse movimento reforçou a noção de continuidade e de inserção do Brasil nos circuitos de inovação tecnológica da documentação, evidenciando o protagonismo do Instituto na difusão de práticas modernas e na consolidação de redes internacionais de cooperação científica.

Nessa perspectiva, o *Correio da Manhã*, em 17 de junho de 1958, noticiou a realização do curso ministrado por Samain, sob o título “Eletrônica aplicada à documentação”. A atividade, patrocinada pelo IBBD,

introduzia no Brasil a discussão sobre a mecanização documental e apresentava, entre outras inovações, a técnica Filmorex, destinada à seleção eletrônica de documentos.

A reportagem não apenas registrou a iniciativa, mas a enquadrou como experiência pioneira, capaz de inserir o país no circuito das práticas mais avançadas de organização da informação. A associação entre o Instituto e nomes de prestígio internacional reforçou sua legitimidade e o instituiu como centro de excelência, já não restrito às funções tradicionais de catalogação e bibliografia, mas orientado para as possibilidades emergentes da eletrônica aplicada ao tratamento documental, conforme ilustrado na Figura 9.

Figura 9
Correio da Manhã (RJ), 17 junho de 1958, p. 10

ELETRÔNICA APLICADA À DOCUMENTAÇÃO
I. B. B. D. patrocina curso do dr. Samain

Para realizar aqui uma série de dez palestras sobre a Mecanização da Documentação, no decorrer das quais inclusive divulgará a técnica FILMOREX, — seleção eletrônica de documentação — chega ao Rio no próximo dia 20 o dr. Jacques Samain, do Centre de Documentation, do Centre National de la Recherche Scientifique. Vem a convite do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, do C.N.Pq.

Autor de vasta obra em sua especialidade, o dr. Jacques Samain doutorou-se pela Faculdade de Medicina de Paris, em 1945, bacharelando-se em Ciências (Química Geral, Química Biológica e Fisiologia Geral), em 1948, na Faculdade de Ciências de Paris, tendo sido laureado pelo Instituto de França, em 1956. Em 1943, trabalhou na Fundação Francesa para o Estudo dos Problemas Humanos, em Paris. Já em 1947 criou e organizou um centro para a Société Rhône-Poulenc, onde empregou o sistema de fichas perfuradas, enquanto em 1951 desenvolveu a técnica FILMOREX (microfichas) para seleção eletrônica de documentos. Atualmente, o dr. Samain chefia o Setor de Pesquisas Bibliográficas do Centre de Documentation da França, onde desenvolve no-



conferências do dr. Samain terão início no dia 23 do corrente, às 10 horas, no Auditório da Sociedade Nacional de Agricultura, na Av. General Justo, 171, 2.º andar, franqueadas a todos os interessados.

Jacques Samain

vo sistema de mecanização bibliográfica, no qual a técnica FILMOREX é utilizada.

Nas suas aulas no Rio, o renomado técnico abordará os aspectos mais modernos e vanguardistas de sua especialidade, bem como apontará as perspectivas para a documentação futura. As

Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (2025).

As visitas de Jesse H. Shera, em 1957, e de Jacques Samain, em 1958, ilustram esse processo de interlocução internacional. Ambas as experiências produziram o IBBDD como instância de articulação entre saberes estrangeiros e necessidades locais, evidenciando sua função estratégica na circulação do conhecimento e na atualização das práticas documentárias. Paralelamente, o jornalismo conferia visibilidade pública a essas ações, convertendo-as em símbolos do esforço nacional de modernização científica e tecnológica.

Tais iniciativas também conferiram protagonismo à Documentação como campo emergente, deslocando-a da condição de prática auxiliar para a de disciplina estratégica na organização, circulação e uso da informação científica. Nesse enquadramento, o IBBD não apenas incorporou técnicas inovadoras, mas se consolidou como espaço de afirmação da Documentação como área de saber indispensável ao desenvolvimento nacional.

Em continuidade a esse processo de legitimação, os jornais brasileiros passaram a valorizar as realizações internas do instituto, ressaltando sua contribuição à organização e à difusão do conhecimento científico no país. Foi nesse contexto que o *Correio da Manhã*, em 5 de setembro de 1958, publicou a reportagem intitulada “O Brasil já possui bom serviço de documentação científica”, enaltecendo os resultados alcançados pelo IBBD. A matéria foi estruturada em seções que abordavam desde a história da instituição e o “trabalho árduo” realizado até as finalidades a que se destinava, destacando o Catálogo Coletivo como “uma biblioteca num armário” e observando tanto a predominância feminina em seus quadros quanto os desafios relacionados à redistribuição bibliográfica.

A reportagem também reconheceu as dificuldades enfrentadas pelo Instituto em seu processo de consolidação, enfatizando o esforço necessário para conquistar legitimidade junto à comunidade científica. Nesse tom, afirmou-se:

Não foi fácil ao I.B.B.D chegar à situação que hoje se encontra. Tendo de lutar contra a mentalidade esnobe de muitos cientistas e pesquisadores nacionais, que afeitos ainda à concepção antiga de se colocar numa torre de marfim, totalmente isolados do meio circundante em que viviam, com desprezo absoluto pelas outras pessoas, foi pouco a pouco se impondo e hoje grangeia a simpatia dos nossos técnicos e homens da ciência. O IBBD representa para eles o baluarte das pesquisas de laboratório, onde vão buscar as informações precisas e os dados bibliográficos completos de tudo que se passa no mundo e no Brasil na especialidade a que se dedicam. (*Correio da Manhã*, 5 setembro, 1958, p. 3).

Esse trecho é particularmente revelador, pois evidencia como o jornal construía a narrativa sobre o IBBD a partir de uma tensão discursiva, de um lado, a resistência de uma elite científica ainda vinculada à metáfora da “torre de marfim”; de outro, a emergência de um órgão que se apresentava como “baluarte” das pesquisas, responsável por oferecer dados e referências indispensáveis à produção do conhecimento. Ao enfatizar essa superação, o discurso jornalístico produz o Instituto como agente de democratização da informação científica, capaz de romper com práticas de caráter elitista e de ampliar o acesso ao conhecimento especializado no país.

A fotografia que acompanha a reportagem reforça esse enquadramento. Ao retratar uma funcionária manuseando fichas bibliográficas do Catálogo Coletivo, o jornal conferiu materialidade à ideia de uma “biblioteca condensada num armário” e valorização do trabalho técnico cotidiano das bibliotecárias. Nesse gesto, a imagem ultrapassa a função ilustrativa e adquire valor documental, legitimando o papel das profissionais da informação como protagonistas da modernização dos serviços científicos.

Assim, a reportagem não apenas reconhece o prestígio institucional do IBBD, mas o situa como marco no processo de modernização e de abertura da informação científica no Brasil. Ao associar o Instituto às demandas de circulação e socialização do saber em escala mais ampla, o jornal consolida sua imagem como espaço estratégico de organização e difusão do conhecimento científico nacional, al como representado na Figura 10.

Figura 10
Correio da Manhã (RJ), 5 setembro de 1958, p. 3

Brasil já possui bom serviço de documentação científica

Levantamento completo das obras existentes em tôdas as principais bibliotecas do país — Trabalho de chinês — Uma biblioteca condensada num armário — As mulheres dominam — Má distribuição — Finalidades do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação

O Brasil não precisa mais se queixar de que não possui um serviço de documentação científica. Pode, ao contrário, orgulhar-se de ter um dos mais bem organizados, pelo menos neste hemisfério. Quem quiser, por exemplo, obter referência bibliográfica de um autor qualquer, basta ir ao Catálogo Coletivo do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, que imediatamente fornecerá fichas com a indicação das bibliotecas em que é possível encontrar as obras procuradas. Com pouco mais de 4 anos de existência, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação já realizou um trabalho meritorioso, em vista de conclusão: o levantamento completo de toda a bibliografia técnico-científica das bibliotecas de todo o país, bem como a bibliografia brasileira elaborada nos mais diferentes setores, abrangendo todas as épocas de nosso desenvolvimento cultural.

TRABALHO ARDUO

Não foi fácil ao I. B. B. D. chegar à situação em que hoje se encontra. Tendo de lutar contra a mentalidade esnobe de muitos cientistas e pesquisadores raciocinais, que afeiçoados à concepção antiga de se colocar numa torre de marfim, totalmente isolados do meio circundante em que viviam, com desprezo absoluto pelas outras pessoas, foi pouco a pouco se impondo e hoje grangeará a simpatia dos nossos técnicos e homens de ciência. O I. B. B. D. representa para eles o baluarte das pesquisas de laboratório, onde vão buscar as informações precisas e os dados bibliográficos completos de tudo que se passa no mundo e no Brasil, na especialidade a que se dedicam.

A indústria, principalmente a de São Paulo, tem-se servido intensamente desse serviço, na parte que se refere à tecnologia.

UMA BIBLIOTECA NUM ARMÁRIO

Num esforço louvável de dotar o país das informações científicas necessárias ao trabalho de



Catálogo coletivo
É só pedir e as obras são localizadas nas bibliotecas do país

Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (2025).

Poucos dias depois, o *Correio da Manhã* voltou a destacar a relevância do Instituto em reportagem publicada em 9 de setembro de 1958, sob o título “Brasil tem só 3 dos 25 milhões de obras publicadas desde o advento da imprensa”. Nessa ocasião, o texto apresentava dados comparativos sobre a produção bibliográfica mundial e observava que, enquanto a Inglaterra concentrava cerca de 23 milhões de obras, o Brasil dispunha de apenas três milhões. Com isso, a reportagem colocava em evidência a disparidade nacional em relação às grandes potências científicas e culturais, ao mesmo tempo em que reafirmava o papel do IBBD como mediador importante no acesso à informação e na superação das carências documentárias do país.

Nessa perspectiva, o Instituto era descrito como “um verdadeiro doutor-sabe-tudo”, capaz de suprir as lacunas bibliográficas por meio do intercâmbio internacional de documentos e da organização sistemática de referências. Logo, a matéria ainda menciona que os estados de São Paulo e Paraná figuravam entre os principais usuários dos serviços do IBBD, o que demonstrava que a atuação do Instituto já impactava concretamente a pesquisa científica e tecnológica em diferentes regiões do país.

Figura 11
Correio da Manhã (RJ), 9 setembro de 1958, p. 2



Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (2025).

Entre os serviços destacados figurava o Serviço de Informações Técnico-Científicas (SITC), que, segundo o *Correio da Manhã*, funcionava como canal direto de atendimento às demandas de pesquisadores, inclusive no âmbito internacional. Nesse sentido, o destaque concedido ao intercâmbio com a União Soviética, ainda que condicionado a autorizações especiais em razão do contexto da Guerra Fria, revelava não apenas a relevância do serviço, mas também sua inserção em uma geopolítica da informação, na qual a circulação do conhecimento científico se articulava às disputas políticas globais.

O *Correio da Manhã* explica que o SITC atuava como um sistema de intercâmbio internacional, promovendo a troca de informações com centros de documentação de diferentes países. Desse modo, tornava-se evidente o caráter estratégico do serviço, uma vez que, até mesmo com a União Soviética, o IBBD mantinha comunicação o que exigia autorização especial das autoridades brasileiras, dadas as tensões ideológicas do período, tal como apresenta-se na Figura 11.

Na reportagem, a presidente Sambaquy destaca que “as atividades russas no domínio científico adquiriram, hoje em dia, uma importância sem igual. Todos querem saber o que se passa do outro lado. Daí é que se justifica o esforço dos Estados Unidos, que mantêm serviços de traduções integrais das publicações russas, fazendo reeditá-las literalmente” (*Correio da Manhã*, 1958). Com essa declaração, o discurso jornalístico evidenciava o papel do Instituto como espaço de interlocução internacional e de mediação entre blocos políticos em disputa.

Assim, o IBBD era representado não apenas como órgão voltado à organização interna do conhecimento, mas também como elo ativo na circulação internacional de informações científicas, reforçando sua imagem de centro estratégico para a modernização do país e para a democratização do acesso à informação especializada.

A fotografia que acompanha a reportagem reforça esse enquadramento discursivo; nela, um funcionário aparecia em meio às estantes do Instituto, manipulando volumes, em uma composição que visualmente sustentava a metáfora do IBBD como a “biblioteca das bibliotecas” brasileiras.

Na continuidade desse processo, o *Diário de Notícias*, em 27 de setembro de 1959, publicou a matéria “A quem quer ler ou estudar, IBBD facilita tudo”, reafirmando o papel do Instituto como organismo central da informação científica nacional. Nesse caso, o destaque recaía sobre os serviços prestados como o Catálogo Coletivo, o SITC e o Serviço de Intercâmbio de Catalogações, mas também sobre a conquista política de sediar, no Rio de Janeiro, a Conferência da Federação Internacional de Documentação (FID), em 1960. Tal reconhecimento internacional, segundo a reportagem, devia-se diretamente à liderança de Sambaquy, que produz o IBBD como vitrine do país perante a comunidade científica global.

Entre 1958 e 1959, observa-se que o jornalismo não se limitou a enaltecer conquistas pontuais do IBBD, mas contribuía para afeiçãoar uma narrativa de missão nacional em torno da documentação científica. Enquanto, em 1958, o *Correio da Manhã* apresentava o Instituto como “baluarte” das pesquisas laboratoriais e mediador capaz de romper com a “torre de marfim” acadêmica, em 1959, o *Jornal do Brasil* ampliava esse discurso, conferindo-lhe maior sofisticação ao apresentar o Serviço de Informações do IBBD como instrumento estratégico para o desenvolvimento nacional.

A matéria publicada nesse ano enfatiza que o órgão realizava “pesquisas sobre qualquer assunto”, sugerindo a imagem de uma instituição moderna, onisciente e tecnicamente preparada para atender às demandas de um país em processo de industrialização. Dessa forma, o IBBD consolidava-se, no discurso jornalístico, como símbolo da racionalização administrativa e da modernização científica do Estado brasileiro.

Figura 12
Jornal do Brasil (RJ), 1º de abril 1959, p. 8

Serviço de Informações do IBBD faz pesquisas sobre qualquer assunto

Texto de Geremice Vieira

Já se pode saber, pelo telefone, quais são as grandes empresas hidrelétricas em exploração ou construção no Brasil.

O Serviço de Informações Técnico-Científicas se encarrega de fazer a pesquisa ou localizar as obras de referência sobre o assunto: quando não dispõe de material próprio para conseguir a informação, solicita-a a outras instituições no gênero, nacionais ou estrangeiras.

DE QUE INSTITUIÇÃO SE TRATA

O Serviço de Informações Técnico-Científicas — um dos setores do IBBD (Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação) — foi criado há 4 anos e funciona, de 9 às 18 horas, na Avenida General Júlio, 171, telefone 42-2756.

O SITC possui três setores:

- Informações e Intercâmbio** — para contato com o público e com instituições de pesquisa científica e tecnológica e centros de documentação;
- Auxílio Técnico** — para criação de coleções bibliográficas científicas, desenvolvimento dos serviços das bibliotecas especializadas do País, etc.;
- Pesquisas Bibliográficas e Traduções**.

O Serviço atua com o auxílio direto de seis órgãos do IBBD: Serviço de Bibliografia, Catálogo Coletivo, Intercâmbio e Catalogação, Biblioteca, Serviço de Publicações e Laboratório de Reproduções Fotográficas.

A CONSULTA QUE CHEGA NO SITC VIRA ENCOMENDA

O pedido de informação (carta, telegrama, visita ou telefonema) é fichado logo que entra e motiva um plano de trabalho. O cliente precisa, de início, deixar bem claro certos aspectos da consulta: objetivo, tempo de espera, natureza de bibliografia (teórica, exaustiva, corrente), tipo de material (livro, revista, mapas, etc.), língua original ou tradução, etc. Isso é a primeira exigência.

A segunda: pagamento do serviço prestado. A taxa é mínima e tem sentido mais pedagógico do que financeiro. Em alguns casos são: taxa fixa de pesquisa por 3 anos, Cr\$ 30,00; página de microfilme, Cr\$ 2,00; cada referência bibliográfica, Cr\$ 3,00; um dispositivo (35 mm, em preto e branco), Cr\$ 3,00; fotocópia (carta), Cr\$ 12,00; tradução por página da bibliografia (inglês ou francês), Cr\$ 80,00; etc.

AS CONSULTAS

Devido à existência do SITC, já há quem tenha pedido de informações sobre: — entidades brasileiras e estrangeiras de combate ao câncer;

FACILIDADE



O Catálogo Coletivo Nacional reúne coleções de 230 bibliotecas brasileiras, facilita a localização de obras em várias diferentes bibliotecas brasileiras.

METAS MAIS IMPORTANTES EM 1958

A administração do IBBD alcançou duas metas de indiscutível valor, segundo a diretora do SITC:

- 1) — ampliação das instalações do Instituto;
- 2) — aquisição de oficina própria de impressão off-set para tornar mais fácil e econômico o trabalho de acumulação de sua bibliografia.

OBRAS DE REFERÊNCIA



A Biblioteca do IBBD reúne uma das mais importantes coleções de obras de referência bibliográfica existentes no Brasil.

AUXÍLIO



O Laboratório de Reproduções Fotográficas auxilia a obtenção dos documentos necessários a estudos e pesquisas.

Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (2025).

A narrativa reflete o contexto histórico do período, no qual a informação científica era concebida como elemento importante ao progresso nacional e a documentação, como instrumento de organização e racionalização do conhecimento em prol da pesquisa e da inovação. Nesse âmbito, as imagens que acompanhavam a matéria, com bibliotecárias manuseando fichas e equipamentos técnicos, reforçavam visualmente a associação entre método, precisão e eficiência, compondo uma representação positiva do IBBD como instituição moderna e alinhada aos ideais de desenvolvimento científico do Estado brasileiro.

Mais do que uma simples divulgação institucional, o discurso jornalístico de 1959 contribuiu para consolidar a imagem pública do Instituto como referência nacional em informação técnica e científica. Ao apresentar o IBBD como capaz de realizar pesquisas “sobre qualquer assunto”, a imprensa ampliava sua legitimidade e o situava como órgão estratégico na consolidação de uma infraestrutura informacional necessária ao desenvolvimento do país. Essa abordagem evidenciava o papel relevante atribuído à Documentação no processo de modernização brasileira, destacando a convergência entre ciência, técnica e administração pública na construção de uma cultura voltada à sistematização e à circulação do conhecimento.

Ainda em 1959, o *Diário de Notícias* produz o IBBD como instituição-chave para a inserção do Brasil em redes internacionais de informação. Esse movimento discursivo demonstrava que a legitimação do Instituto não se apoiava apenas na ênfase em seus serviços técnicos como exemplo o Catálogo Coletivo ou o Serviço de Informações Técnico-Científicas, mas também na vinculação de sua trajetória a um projeto mais amplo de modernização nacional. Ao qualificá-lo como “a quem quer ler ou estudar, facilita tudo”, o jornal construía a imagem de uma instituição aberta e voltada ao interesse público, acessível tanto a estudantes quanto a cientistas e indústrias, ampliando o alcance social de sua atuação, tal como representado na Figura 12.

Nessa mesma linha, a reportagem reforçava a imagem do Instituto como organismo central da informação científica no país. O jornal atribuía diretamente à liderança de Sambaquy a conquista de o Brasil sediar, em julho de 1960, a Conferência Geral da Federação Internacional de Documentação (FID), qualificando o feito como uma vitória para a Biblioteconomia e para a cultura nacionais. Segundo a matéria, o encontro reuniria delegados da Europa e da América do Norte, evidenciando o reconhecimento internacional alcançado pelo IBBD e, consequentemente, a projeção do Brasil no cenário científico global.

Além de enfatizar a dimensão internacional, a reportagem detalhava os serviços oferecidos pela instituição. Entre eles, destacava-se o Catálogo Coletivo, que reunia informações bibliográficas de 28 bibliotecas do Rio de Janeiro e do Estado, abrangendo mais de 650 mil fichas catalográficas. O jornal ressaltava que esse instrumento auxiliava diretamente estudantes e pesquisadores, permitindo-lhes localizar obras, identificar artigos de periódicos e obter referências de forma centralizada.

Outro ponto valorizado pela reportagem era o Serviço de Informações Técnico-Científicas (SITC), responsável por compilar e disponibilizar bibliografias sob demanda, localizar obras em diferentes acervos e fornecer cópias reprográficas de textos necessários às pesquisas. Conforme observa-se no texto, bastava que um estudante ou professor solicitasse um levantamento sobre temas variados como história, ciências sociais, genealogia ou química para que o IBBD elaborasse um repertório completo.

Contudo, o jornal destaca o Serviço de Intercâmbio de Catalogações em Curso, cujo objetivo era evitar duplicações de trabalho entre bibliotecas, racionalizando o uso do tempo, dos recursos e do pessoal. Nesse discurso, o IBBD surgia como facilitador do acesso ao conhecimento e promotor de práticas cooperativas, ampliando as possibilidades de estudo e pesquisa em um país que ainda enfrentava limitações estruturais de acervo e de infraestrutura informacional.

Considerações finais

A análise empreendida sobre a cobertura jornalística do IBBD, entre 1954 e 1959, permite compreender o papel central desempenhado pela imprensa na constituição pública e discursiva dessa instituição. O jornal, entendido como documento e como mediador discursivo, não apenas registrava a criação e as atividades do

Instituto, mas também construía representações que legitimavam sua existência e o integravam ao imaginário da modernização científica brasileira. A trajetória discursiva evidenciada nas matérias demonstra um processo de legitimação gradual, que acompanhava as etapas de institucionalização, consolidação técnica e projeção internacional do IBBD, revelando a articulação entre informação, ciência e Estado no contexto desenvolvimentista do pós-guerra.

Nos primeiros anos de sua fundação, o discurso jornalístico destacava o caráter administrativo e técnico do Instituto, enquadrando-o como instrumento de racionalização burocrática e de organização bibliográfica em escala nacional. As matérias publicadas pelo *Correio da Manhã* e por *A Noite*, em 1954, enfatizavam a vinculação do IBBD a órgãos como o CNPq, o DASP e a Fundação Getúlio Vargas, reforçando a imagem de uma instituição estatal comprometida com a eficiência e com o progresso científico. A legitimação pública da instituição ocorria, assim, pela confluência entre o discurso técnico e o discurso político, sustentando a ideia de que a modernização informacional constituía parte integrante do projeto nacional de desenvolvimento.

Na sequência, as reportagens de 1956 e 1957 consolidavam essa narrativa, associando o Instituto à inovação tecnológica e à internacionalização das práticas documentárias. Ao destacar a utilização de microfímes, a ampliação do acervo e a visita de especialistas estrangeiros, como Shera e Samain, os jornais produziam o IBBD como referência de excelência científica, portador das técnicas mais avançadas de organização e circulação do conhecimento. Essa etapa discursiva conferia visibilidade à Documentação enquanto campo emergente, posicionando-a não mais como atividade acessória da Biblioteconomia, mas como disciplina estratégica para o desenvolvimento da ciência e da administração pública.

O percurso de legitimação evidenciado nas matérias envolvia também a personificação da figura de Sambaquy, cuja atuação era representada como símbolo de competência, disciplina e modernidade. A exaltação de sua liderança, associada à valorização do corpo técnico feminino, consolidava uma narrativa de eficiência administrativa e inovação que diferenciava o IBBD das demais repartições públicas. Ao mesmo tempo, esse enquadramento introduzia elementos discursivos de gênero, conferindo às bibliotecárias visibilidade como agentes da modernização informacional, ainda que sob a lógica paternalista e moralizante característica dos discursos de meados do século XX.

Nos anos finais da década de 1950, a cobertura jornalística passava a enfatizar o papel do IBBD como elo entre ciência, Estado e sociedade, deslocando o foco da estrutura administrativa para os serviços oferecidos à comunidade científica e industrial. O *Catálogo Coletivo* e o *SITC* eram apresentados como instrumentos de democratização do conhecimento, capazes de romper com a metáfora da “torre de marfim” da elite científica e de aproximar a informação das demandas sociais e produtivas do país. Essa dimensão democratizadora, embora ainda restrita ao público especializado, indicava inflexão significativa no modo de conceber a informação como bem coletivo e como infraestrutura do desenvolvimento.

A imprensa, portanto, não se limitava a reproduzir comunicados oficiais, mas desempenhava função ativa de mediação documentária e discursiva. Ao atribuir sentidos e valores à existência do Instituto, os jornais o inscreviam em uma narrativa nacional de progresso, racionalização e modernidade. Essa mediação se materializa nas escolhas lexicais, nos enquadramentos discursivos e nas imagens publicadas, que apresentavam o espaço físico do IBBD, seus equipamentos e seus profissionais como emblemas da eficiência técnica e do avanço científico. Texto e imagem, de forma articulada, contribuíam para a construção de uma memória visual e discursiva da instituição, cuja permanência ultrapassava o tempo histórico da década de 1950.

Do ponto de vista teórico, o estudo reafirma a pertinência de compreender o jornal como documento mediador, conforme Otlet (2018) e Carvalho & Ortega (2024). Ao ser analisado como forma material e discursiva de organização da informação, o jornal revela-se instância ativa de produção de significados e de legitimação social. Essa perspectiva desloca o olhar da leitura factual para a compreensão dos mecanismos discursivos que sustentam a produção de legitimidade e de memória institucional. A análise hemerográfica, evidencia que a linguagem jornalística constitui espaço de negociação entre o dizer institucional e o horizonte de recepção pública, no qual se definem os contornos discursivos das instituições científicas.

No campo da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, as contribuições deste estudo situam-se em três eixos principais. O primeiro, de natureza epistemológica, reafirma o papel da imprensa como objeto legítimo de investigação documentária e informacional, ampliando as fronteiras do conceito de documento e de mediação da informação. O segundo, de caráter histórico, reconstrói o percurso de institucionalização do IBBD e evidencia sua inserção nas políticas científicas do Estado brasileiro, contribuindo para a compreensão das origens da política nacional de informação. O terceiro, de natureza metodológica, demonstra o potencial da análise discursiva aplicada a fontes jornalísticas para a investigação das relações entre informação, poder e representação social.

Como contribuição mais ampla, o artigo ilumina o modo como o discurso jornalístico participava da organização social do conhecimento no Brasil, articulando-se às estratégias estatais de modernização e racionalização administrativa. A análise do IBBD sob essa ótica evidencia que a legitimação das práticas informacionais não decorria apenas de decretos ou atos oficiais, mas de um complexo processo de mediação documentária, no qual a imprensa atuava como espaço de consagração pública e de construção de memória institucional.

Por fim, ao reconhecer o jornal como instância de mediação documentária, reafirma-se a importância de revisitar as fontes hemerográficas não apenas como registros do passado, mas como dispositivos ativos de produção de sentido. A investigação conduzida demonstra que a imprensa foi coautora do projeto de modernização científica do país, ao traduzir para o público a linguagem técnica da Documentação e conferir-lhe valor social. Essa constatação amplia a compreensão da mediação informacional como prática histórica, discursiva e política, inscrevendo o estudo do IBBD em uma perspectiva que integra memória, documento e representação, dimensão principal ao fortalecimento dos estudos de mediação, história da informação e organização social do conhecimento no Brasil.

Roles de colaboración

Jetur Lima de Castro: Conceituação, metodologia, análise formal, supervisão, validação, redação – rascunho original, redação, revisão e edição.

Alessandra Nunes de Oliveira: Conceituação, investigação, curadoria de dados, visualização, redação – rascunho original, redação, revisão e edição.

Gabriel Rodrigues da Conceição: Redação – rascunho original, redação, revisão e edição.

Fontes documentais

A Noite (1954, 3 de março). Criado o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. *A Noite*.https://memoria.bn.gov.br/DocReader/348970_05/23159

A Noite (1957, 12 de agosto). Começa hoje o curso de bibliografia. *A Noite*.https://memoria.bn.gov.br/DocReader/348970_05/43791

Correio da Manhã (1954, 28 de janeiro). Criado o Instituto Brasileiro de Documentação. *Correio da Manhã*.https://memoria.bn.gov.br/DocReader/089842_06/34482

Correio da Manhã. (1958, 17 de junho). Eletrônica aplicada à documentação. *Correio da Manhã*.https://memoria.bn.gov.br/DocReader/089842_06/92588

Correio da Manhã (1958, 5 de setembro). Brasil já possui bom serviço de documentação científica. *Correio da Manhã*.https://memoria.bn.gov.br/DocReader/089842_06/95894

Correio da Manhã (1958, 9 de setembro). Brasil tem só 3 dos 25 milhões de obras publicadas desde o advento da imprensa. *Correio da Manhã*.https://memoria.bn.gov.br/DocReader/089842_06/96087

Diário Carioca (1957, 5 de agosto). Deão americano vai ensinar brasileiro a fazer biblioteca. *Diário Carioca*.https://memoria.bn.gov.br/DocReader/093092_04/37812

Grillo, G. (1956, 7 de julho). O Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação e a sua presidente. *Jornal do Brasil*. http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_07/60795

Grillo, G. (1956, 29 de julho). O Instituto Brasileiro de Documentação e a sua presidente. *Correio da Manhã*. https://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_07/64240

Jornal do Brasil (1956, 20 de maio). Um grande centro de documentos e livros. *Jornal do Brasil*. https://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_08

Jornal do Brasil (1959, 1º de abril). Serviço de Informações do IBBD faz pesquisas sobre qualquer assunto. *Jornal do Brasil*. https://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_07/100273

Última Hora (1957, 3 de agosto). Deão vem ensinar como se faz documentação. *Última Hora*. <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/386030/40775>

Referências

- Barbosa, M. (2010). *História cultural da imprensa: Brasil – 1800–1900*. Mauad X.
- Carvalho, M. A. de & Ortega, C. D. (2024, janeiro). A mediação documentária: especificidade e atualidade. *Brazilian journal of information science: research trends*, 18. <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2024.v18.e024001>
- Celadec (1981). *Definição e conteúdo da documentação popular* (Programa de Documentação 1/81). CPV.
- Charaudeau, P. (2018). *Discurso das mídias*. Contexto.
- Cunha, M. B. da (2005). IBICT: 51 anos. *Ciência da informação*, 34(1), 7-8. <https://doi.org/10.1590/S0100-19652005000100001>
- Gugliotta, A. C. (2019). *Da informação técnico-administrativa à informação científico-tecnológica: a influência do regime de informação estadocêntrico na formação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD)* [Tesis de doctorado. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro]. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/13816>
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. Editora Revista dos Tribunais.
- Hegel, G. W. F. ([1807] 1998). *Fenomenologia do espírito – Parte I*. Vozes.
- Hegel, G. W. F. ([1837] 2001). *A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história*. Centauro.
- Oddone, N. E. (2006). *O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil*. Ciência da Informação.
- Otlet, P. (2018). *Tratado de documentação: o livro sobre o livro. Teoria e prática*. Briquet Lemos.
- Rodrigues, G. F. R., Oliveira, E. B. & Juvêncio, C. H. (2022). *A história da pós-graduação no Brasil: O caso da ciência da informação*. Em *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, Porto Alegre, Brasil. <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/view/724>
- Sambaquy, L. de Q. (2020). O IBBD e a informação científica no Brasil. *Ciência da informação review*, 7(1), 10-18. <https://doi.org/10.28998/cirev.%25y710-18>
- Thompson, E. P. (1998). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Vozes.